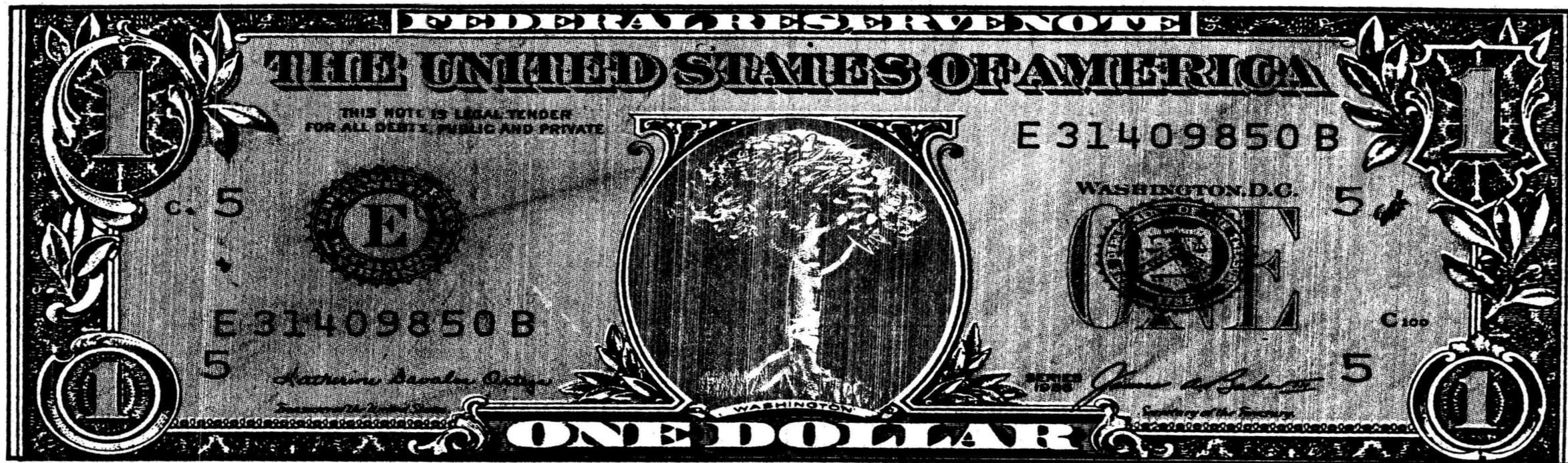




A esperada conversão verde da dívida

Ronaldo Brasiense

BELÉM — Como será feito o processo de conversão da dívida externa brasileira em projetos para a preservação do meio ambiente? Apesar de ter definido uma parcela inicial de US\$ 100 milhões há cinco meses, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, não tem conseguido agilizar o processo. “Nós trabalharemos inicialmente com essa parcela de US\$ 100 milhões — que só pode ser em cima de doações”, explica o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Eduardo Martins. “Essas doações vão render, em bases físicas, 6% ao ano. E é esse dinheiro que vai ser gasto nos projetos ambientais”, acrescenta.

Animais em extinção vão ter prioridade

O presidente do Ibama considera essa forma de conversão bastante interessante por garantir um fluxo de recursos de caráter de longo prazo, o que é necessário em caso de projetos ambientais. “Uma comissão do governo, unindo a economia com a área ambiental, vai credenciar os projetos”, garante Eduardo Martins. Uma vez credenciado o projeto, abre-se espaço junto aos bancos credores que entram com os títulos da dívida. Esses títulos, então, serão convertidos em moeda americana e ficarão num fundo a ser gerido pelo Banco Central, que fará o controle financeiro e de ajuste, corrigido diariamente pela moeda americana, e terá um fluxo financeiro — mês a mês — por uma conta a ser aberta em nome do projeto aprovado. “A área ambiental vai fazer um acompanhamento dessas

atividades, abrindo possibilidade também para que o doador tenha acesso às informações e possa auditar o projeto que está financiando”, afirma Martins.

A maioria dos projetos será orientada para animais em extinção, unidades de conservação e propostas de desenvolvimento sustentado. “O que precisamos é ter uma maior agilidade do Ministério da Economia para convocar reunião e aprovar toda a base normativa do processo de conversão, que já está pronta”, diz o presidente do Ibama. Os recursos via conversão, porém, são insignificantes perto do necessário, por exemplo, para se regularizar a situação fundiária das unidades de conservação do Ibama. “Precisamos de US\$ 1 bilhão só para esse trabalho”, afirma Eduardo Martins, assinalando: “Na velocidade que as coisas aconteceram na última década, e se for mantido o ritmo atual, vamos levar 735 anos para regularizar todas as unidades de conservação do Brasil”.

Segundo Martins, a conversão de

parte da dívida externa em projetos ambientais tem estimulado também o surgimento de centenas de organizações não-governamentais (ONGs) em todo o país. “Não há estatísticas, mas acredito que o Brasil tenha atualmente algo em torno de três mil ONGs. Elas certamente vão ser a clientela preferencial para a doação dos bancos no processo de conversão da dívida”, avalia.

Muitos desses grupos estão há meses se preparando para receber doações e iniciar projetos preservacionistas. Um dos mais organizados é o Consórcio de Entidades Não-Governamentais formado por 13 ONGs, entre as quais a Funatura e SOS Mata Atlântica. “Já temos projetos prontos para aplicar US\$ 25 milhões”, assegura a presidente da Funatura, Maria Tereza Jorge Pádua. “O nosso consórcio é aberto e outras ONGs podem apresentar projetos através dele”, acrescenta.

Por outro lado, várias ONGs estavam insatisfeitas com o volume de recur-

sos para a primeira fase do processo de conversão. Eduardo Martins, no entanto, é contundente a esse respeito: “Não adianta nada ficar reclamando sobre os poucos recursos se a gente não começar a demonstrar que é possível esse negócio funcionar com a primeira cota de US\$ 100 milhões”, diz ele. “Certamente teremos outros US\$ 100 milhões adicionais e acho que é fundamental as ONGs se organizarem para apresentar boas propostas, bons projetos, que possam ser financiados através desse mecanismo”.

Maria Tereza Pádua, no entanto, considera que a conversão da dívida para projetos ambientais é mesmo muito marginal. “Estamos há três anos trabalhando nesse sentido e até hoje não pintou um dólar sequer”, protesta. Revela, porém, que já existe uma proposta concreta, feita pelo Banco da América: uma doação de US\$ 2 milhões, via Conservation International, que será utilizada por oito ONGs brasileiras, a maioria das quais pertencentes ao Consórcio.